

Título: A literatura na tela

Autor(es) Paula Ribeiro*; Thais de Lima Rodrigues Ferrreira; Bertha Cardozo Miranda; Renata Castro do Nascimento Silva; Enoque Ribeiro de Souza

E-mail para contato: paula.ribeiro@estacio.br

IES: UNESA

Palavra(s) Chave(s): Literatura; Cinema; Linguagem Literária; Linguagem Cinematográfica

RESUMO

O projeto "A Literatura na Tela" é desenvolvido por alunos de graduação do curso de Letras do campus João Uchôa, no Rio de Janeiro. O projeto tem como objetivos a conceituação e análise sobre a relação entre literatura e cinema e a exibição de filmes nacionais para alunos do campus universitário, com posterior debate mediado pela orientadora e com a participação de palestrantes convidados. A atividade é oferecida aos alunos dos cursos de Letras e de Cinema e vale horas AAC (Atividade Acadêmica Complementar). Como atividade de Iniciação Científica, tem como objetivo contribuir para a formação de pesquisadores conscientes dos desafios de analisar criticamente o tema estudado. Encontros semanais para leituras e discussões sobre o tema de estudo são realizados e são produzidos pelos alunos textos estabelecendo a relação crítica com as obras – livros e filmes – estudadas. Foi realizado levantamento bibliográfico sobre o tema e feito pesquisa em bibliotecas e filmotecas. Buou-se também acompanhar as dimensões do debate em torno do assunto estudado no âmbito da literatura e do cinema e no decorrer do projeto realizamos a leitura de alguns livros clássicos da literatura brasileira adaptados para o cinema como "A Hora da Estrela", "Vidas Secas", "Beijo no Asfalto", filmes estes que foram apresentados para os alunos e como atividade da Semana de Letras do campus João Uchôa. O cinema traz um novo olhar sobre a obra literária e trata os personagens, os fatos, as ideologias e as passagens do tempo sob uma outra ótica. As obras de Rosália Scorsi "Cinema e Literatura" (2005) e de Linda Gualda "Literatura e Cinema: elo e confronto" (2009) possibilitam uma importante discussão sobre o tema. Scorsi afirma que um filme e um romance são duas diferentes linguagens da arte. Propõe ainda que o filme quando baseado em uma obra escrita, realiza a passagem de uma língua a outra e a esta passagem denomina "tradução". Gualda também utiliza o conceito de "tradução" enfatizando que a adaptação para o cinema de uma obra literária é uma "recriação", um olhar crítico sobre a obra original. No caso específico deste projeto, investiu-se como há, cada vez mais, um estreitamento entre obra literária e produção fílmica no Brasil e como diferentes gêneros literários como romances, ensaios, contos e crônicas são adaptados para o cinema. Alguns pesquisadores indicam o meado da década de 1990 como um período em que, com a retomada do cinema nacional, nota-se uma intensa adaptação de obras da literatura brasileira para o cinema. Obras como "A Hora da Estrela", de Suzana Amaral, "Cidade de Deus", de Paulo Lins e "Batismo de Sangue", de Helvécio Rattton, baseado no livro de mesmo nome escrito por Frei Betto e que ganhou o prêmio Jabuti de "Melhor livro de memórias" de 1982, são alguns exemplos. Assim como, há filmes em que os roteiros são adaptações de obras literárias clássicas, como é o caso do filme "Vidas Secas" (1963), dirigido por Nelson Pereira dos Santos e baseado no livro homônimo de Graciliano Ramos. O filme "Vidas Secas" é bastante representativo quando o tema é adaptação literária, pois o diretor consegue transpor, através dos recursos cinematográficos e da linguagem fílmica os principais aspectos da obra. O romance "Vidas Secas" (1938) é uma obra regionalista e pertence à segunda fase do modernismo brasileiro. Trata-se de uma obra cíclica, onde o tempo predominante é o tempo psicológico e não o cronológico. O narrador em terceira pessoa, utilizado por Graciliano Ramos na obra escrita, foi muito bem transposto para a tela através da câmera de Nelson Pereira e podemos dizer que o filme é uma visão, uma interpretação do cineasta diante da realidade social expressa na obra. Compreende-se que é impossível falar em fidelidade à obra original e que o cinema não pode transformar as palavras do livro em imagens mas, sim, expressar o que a cineasta Suzana Amaral chama de "espírito da obra, a alma, a espinha dorsal" da obra literária.